

# Apresentação

A revista da SEP passa a ter, a partir deste número, três edições anuais (outubro, fevereiro e junho de cada ano). E este é um resultado auspicioso, antes de qualquer outra razão, porque assim se amplia o espaço do pensamento crítico na área de Economia Política, sempre numa perspectiva plural e democrática. Ora, essa espécie de elaboração intelectual se torna cada vez mais necessária em face das práticas e da cultura do neoliberalismo... que, aliás, continua dominando...

E mesmo essa apresentação é já um espaço para as reflexões dessa espécie.

Considere-se, pois, de início, a seguinte “estória”. Numa escola de economia brasileira, foi inventado um “novo” método para avaliação de monografias. O professor coordenador recebe todos os escritos eletronicamente. Retira os nomes dos alunos e dos orientadores e as repassa para dois membros do corpo docente, classificados por área de conhecimento (conforme a classificação JEL). Estes professores dão a nota por correio eletrônico, a qual é, então, computada por uma planilha eletrônica do coordenador – automaticamente. O sistema funciona cegamente como um mercado. A personalidade dos professores na avaliação dos alunos desaparece na impessoalidade do sistema. Por ter esta característica, a mão invisível criada por uma mão bem visível – e neoliberal – é classificada pelo seu proponente como um sistema baseado em “double blind review”.

Trata-se de um evento singular, mas altamente revelador de algo bem geral inerente ao sistema de coerção que busca submeter todas as universidades às necessidades da acumulação de capital. Qual o seu significado, pois, quando posto na lupa de uma ontologia social crítica?

Tal evento significa que o trabalho dos professores passa a ser tomado, implicitamente, como trabalho abstrato, um tipo de trabalho, aliás – sinal dos tempos –, que não pode ser medido apenas por seus tempos. Ora, a situação descrita revela, por outro lado, o processo acelerado de proletarianização a que estão sendo submetidos os professores universitários. Não é isto o que produz o modo de organização da universidade orientado por sistemas de avaliação que

imitam mercados? A reflexão é reveladora, mas ela não será jamais bem compreendida por aqueles que pensam que conhecimento científico é somente aquele que se apresenta por meio de relações funcionais, de preferência bem complicadas. Estes, por certo, continuarão a corromper o *ethos* da universidade com as suas práticas mercadológicas.

Escovando sempre a contrapelo, nesse número, a Revista da SEP apresenta três artigos de autores brasileiros: Rubens Sawaya escreve sobre a China; Victor L. Araujo e Denise L. Gentil analisam a resposta da política econômica brasileira à crise financeira; e Hoyêdo N. Lins discute o planejamento e a programação do desenvolvimento na dimensão espacial.

Em razão de sua importância momentosa, apresenta também dois artigos convidados: um deles, de Carlota Perez, que discute alternativas de globalização e um outro, de François Chesnais, que elabora sobre a crise econômica atual na Europa.

Completam este número duas resenhas e um comentário crítico. Faz-se, primeiro, uma resenha do livro *Ensaio Geral*, organizado por João Antonio de Paula para comemorar os 150 anos da redação dos *Grundrisse*. Faz-se, depois, uma apresentação do livro *Ecos do desenvolvimento*, coordenado por Maria Mello de Malta, o qual apresenta vários resultados de pesquisa em história do pensamento econômico brasileiro, produzidos no âmbito do LEMA. Finalmente, apresenta-se um comentário crítico às posições recentes da Maria Conceição Tavares, escrito por Nildo Ouriques. Em resumo, este autor julga que elas estão em divergência com as posições históricas mantidas pela ilustre professora durante décadas. A revista, obviamente, está aberta a possíveis respostas.